

A Segunda Guerra Mundial

João Pedro Ricaldes dos Santos – História

Nunca a humanidade tinha demonstrado tanta destruição. A Segunda Guerra foi um quadro de horror pintado com a melhor tecnologia do momento. Milhões morreram de fome nos cercos de Leningrado, Moscou e Stalingrado. Milhões desaparecerem nos campos de concentração. Quarenta milhões de mortos em cinco anos de guerra no total. A população civil alemã foi massacrada no ataque aliado em Berlim. E no final o crime da bomba atômica.

Os fatores que levaram à Primeira Guerra (disputa imperialista por matérias primas e mercados) ainda repercutem na Segunda, agora somados aos efeitos da Crise de 1929 e do estímulo à indústria bélica. Ao mesmo tempo as tensões crescem com o expansionismo militar do Japão e da Alemanha.

Um intenso jogo diplomático antecedeu o início da Guerra. Pela Conferência de Munique (1938), ingleses e franceses aceitaram a invasão nazista sobre a Tchecoslováquia, desde que fosse o último passo expansionista. No ano seguinte o Acordo nazi-soviético (que livraria Hitler de duas frentes de guerra simultâneas) permitiu a divisão da Polônia entre Alemanha e URSS. Mas assim, as decisões de Munique foram abertamente desrespeitadas. No dia 1º de setembro, Hitler invade a Polônia e no dia 3 Inglaterra e França declaram guerra à Alemanha. Inicia-se a guerra.

De 1938 até fevereiro de 1943, Hitler nunca conheceu uma derrota e a expansão nazista parecia irresistível. O ano de 1943 foi o ano da virada, pois Hitler é derrotado na Rússia, Mussolini na Itália e os japoneses perdem as principais ilhas do Pacífico. No início de 1945 a derrota alemã já era dada como certa. A guerra termina em agosto daquele ano.

A política de ocupação nazista

"Os poloneses nasceram especialmente para o trabalho pesado [..]. Não é preciso pensar em melhorias para eles. Cumpre manter, na Polônia, um padrão de vida baixo, não se permitindo que suba. Os poloneses são preguiçosos e é necessário usar de força para obrigá-los a trabalhar. Indispensável tem em mente que a pequena nobreza polonesa deve ser exterminada. Deve haver apenas um senhor para os poloneses: o alemão. Todos os representantes da classe culta polonesa têm que ser exterminados. Isso parece crueldade, mas é a lei da vida" (memorando de Martin Bormann, 1940)

"Somos uma raça superior que precisa lembrar que o mais humilde operário alemão é, racial e biologicamente, mais valioso que a população daqui".

(Erich Koch, Comissário do Reich na Ucrânia. Kiev, março de 1943)

"O que acontece a um russo ou a um tcheco não me interessa o mínimo. Que 10.000 mulheres russas caiam de esgotamento escavando uma fossa antitanque, [isto} só me interessa na medida em que a fossa antitanque seja terminada para a Alemanha". (Heinrich Himmler. Discurso em Posen, outubro de 1943)

Invasão da França

A história da invasão da França expressa de forma exemplar a diferença de estratégias entre o exército alemão e o francês. Baseada na experiência da Primeira Guerra, a França construiu ao longo da fronteira com a Alemanha uma extensa trincheira (a linha Maginot), com perfeita infra-estrutura de comunicação e transportes ligando as várias casamatas. No entanto, Hitler invadiu a França através da Bélgica, desviando-se assim da Grande Trincheira. A operação militar nazista é rápida e espetacular. Não era esperado que Hitler desrespeitasse a neutralidade belga. Todas as atenções estavam voltadas para a fronteira entre os dois países. Em duas semanas a França estava dominada. A rendição francesa foi assinada no mesmo vagão em que os alemães se renderam aos franceses em 1918.

Invasão da URSS

Com a estabilização do front ocidental (após invasão da França e Batalha da Inglaterra), a Alemanha invade a URSS, com a mesma tática: em menos de 1 mês (junho de 1941) os nazistas avançaram 750 km no território soviético. Mas, a Operação Barbarossa não deu certo, pois não contava com a capacidade heróica de resistência do povo russo

“A conduta das tropas russas mesmo nesta primeira batalha contrastou extraordinariamente com a dos poloneses e aliados ocidentais na derrota. Mesmo quando cercados, os russos resistiam e lutavam. Assombrados e desapontados descobrimos, em fins de outubro e princípios de novembro, que os derrotados russos

pareciam ignorar completamente que como força militar tinham quase cessado de existir. Está se tornando cada vez mais evidente que subestimamos o poderio desse colosso russo não só na esfera econômica, como também na militar”. (General Blumentritt)

O Cerco de Leningrado

Nos quatro meses do cerco de Leningrado as baixas russas foram de 300 000 militares, 16 470 civis devido a bombardeamentos e 1 milhão de civis estimados mortos por falta de comida.

“Na fábrica Kirov ocorreram episódios tremendos. Muitos operários se apresentavam diariamente ao capataz e lhe diziam com incrível tranqüilidade que esperavam morrer dali a instantes. Muitos eram enviados a hospitais e ali morriam de fome, de esgotamento { . . . }. A fábrica estava sob a metralha dos canhões alemães e os projéteis caíam em suas instalações. O trabalho, no entanto, continuava. A maioria dos operários, 70%, eram mulheres e mocinhas adolescentes. Foram dias terríveis. A 15 de dezembro tudo parou. Não havia combustível, nem comida, nem água, nem transportes. A produção cessou em Leningrado. Permanecemos nessa situação até o dia 1.º de abril do ano seguinte”. (Depoimento de um operário da fábrica Kirov, sobre a vida durante o cerco de Leningrado)

A Batalha de Stalingrado

Os alemães também cercaram Moscou, mas também ali foram expulsos, mudando o alvo para Stalingrado. Mas a Batalha de Stalingrado (julho de 1942 a fevereiro de 1943) revelou ao mundo a

primeira derrota da Alemanha, o primeiro fracasso da blitzkrieg.

“A esse tempo, 91 000 soldados alemães, inclusive vinte e quatro generais, meio famintos, castigados pelo gélido frio, muitos deles feridos, todos aturdidos e alquebrados, cambaleavam através da neve e do gelo, segurando sobre a cabeça seus lençóis empapados de sangue para se protegerem de um frio de 24 graus abaixo de zero, rumo aos lúgubres e gélidos campos de prisioneiros de guerra na Sibéria. Salvo 20 000 romenos e os 29 000 feridos, aproximadamente, que haviam sido retirados por aviões, eram eles tudo o que restara de um exército conquistador, cujos efetivos eram, dois meses antes, de 285 000 homens. Os restantes haviam sido mortos. E daqueles 91 000 alemães que começaram a extenuante marcha para o cativeiro naquele dia de inverno, somente 5 000 estavam destinados a rever a pátria”. (Shirer, Ascensão e queda do III Reich, vol 3, pag 464)

A Guerra no norte da África

Antes desta derrota nazista, a guerra havia se estendido para o norte da África. A Itália de Mussolini declara guerra à Inglaterra em 1940 e invadiu o Egito, então colônia inglesa. Recuos e avanços se seguiram até maio de 1943, quando as tropas aliadas derrotaram as tropas do Eixo. Foi a segunda derrota da Alemanha. Em seguida os aliados entraram na Sicília (julho de 1943), Nápoles (outubro de 1943) e finalmente Roma (Junho de 1944).

A Guerra no Oriente

A guerra também havia se estendido para o Oriente, após o ataque japonês aos EUA no Havaí (dezembro de 1941). O Japão

expandiu o seu domínio no Oriente até julho de 1942, incorporando ilhas estratégicas do Oceano Pacífico, além da Indochina, Coreia e Manchúria. A partir de julho de 1942, os EUA retiram gradativamente do Japão o controle das ilhas do Pacífico.

A derrota alemã

Enquanto isso o Exército Vermelho (soviético) avança sobre a Europa Oriental, libertando todos os países daquela região que estavam sob o domínio nazista, inclusive a Polônia e os campos de concentração ali existentes. Os soviéticos são os primeiros a entrarem em Berlim e em maio de 1945 os alemães assinam a rendição, um mês depois do suicídio de Hitler e de seus principais ministros.

Ao mesmo tempo em que os russos avançavam pelo Leste, os americanos e ingleses invadiam a Alemanha pelo Oeste, a partir do desembarque no norte da França em junho de 1944 (O Dia D). Em agosto entraram em Paris e em setembro de 1944 atingiram a fronteira alemã. Em janeiro de 1945, a Alemanha estava cercada em duas frentes e se renderia em maio.

As bombas atômicas

"No início de agosto de 1945, tínhamos a seguinte situação: os Aliados haviam encerrado a guerra na Europa, vencendo a Alemanha e a Itália. O exército anglo-americano estava obtendo vitórias sobre o exército japonês desde meados de 1943. O palco da luta já era o próprio território japonês. Embora resistisse, o Japão estava cada vez mais fraco. E, principalmente, estava disposto a negociar a paz, e fez proposta nesse sentido aos EUA. O quadro descrito acima não impediu que os EUA

usassem a bomba atômica contra o Japão. No dia 6 de agosto, a primeira bomba foi lançada sobre Hiroshima. No dia 9, sobre Nagasáqui. O efeito dessa arma, usada pela primeira vez em uma guerra, foi simplesmente avassalador. Em questão de minutos milhares de seres vivos - homens, mulheres, crianças, pássaros, cães, gatos, etc. - deixaram de existir". (Arnaut. Luiz. A segunda grande guerra, 1994, pag 60)

"Para os que lá estavam e sobreviveram, a lembrança do instante em que o homem, pela primeira vez, desencadeou contra si mesmo as forças naturais de seu universo é de um relâmpago de pura luz, ofuscante e intensa, mas de uma terrível beleza e variedade { . . . }. Se houve algum som, ninguém o ouviu. O relâmpago inicial gerou uma sucessão de calamidades. Primeiro veio o calor. Durou apenas um instante, mas foi de tal intensidade que derreteu os telhados, fundiu os cristais de quartzo nos blocos de granito, chamoscou os postes telefônicos numa área de 3 quilômetros e incinerou os seres humanos que se achavam nas proximidades. Tão completamente que nada restou deles, a não ser suas silhuetas, gravadas a fogo no asfalto das ruas ou nas paredes de pedra.

Depois do calor veio o deslocamento de ar, varrendo tudo ao seu redor com a força de um furacão a 880 quilômetros por hora. Num círculo gigantesco de mais de 3 quilômetros, tudo foi reduzido a escombros. Em poucos segundos o calor e o vendaval atearam milhares de incêndios. Em alguns pontos o fogo parecia brotar do chão, tão numerosas eram as chamas tremulantes geradas pela irradiação do calor. Minutos depois da explosão começou a cair uma chuva

estranha. Suas gotas eram grandes e negras. Esse fenômeno aterrador resultava da vaporização da umidade da bola de fogo e de sua condensação em forma de nuvem. À medida que a nuvem, formada de vapor de água e dos escombros pulverizados de Hiroshima, atingia o ar mais frio das camadas superiores, condensava-se, caindo sob a forma de "chuva negra" que não apagava os incêndios, mas aumentava o pânico e a confusão { . . . }. Depois da chuva veio o vento - o grande vento de fogo -, soprando em direção ao centro da catástrofe e aumentando de violência à medida que o ar de Hiroshima ficava cada vez mais quente. O vento soprava tão forte que arrancava árvores enormes nos parques onde se abrigavam os sobreviventes. Milhares de pessoas vagavam às cegas e sem outro objetivo a não ser fugir da cidade de qualquer maneira. Ao chegarem aos subúrbios, eram tomadas, a princípio, por negros, e não japoneses, tão enegrecidas estavam. Os refugiados não conseguiram explicar como foram queimados. "Vimos um clarão", contavam, "e ficamos assim". (C. Bailey e F. Knebel, No high ground. Apud História do século XX, v. 5, 1942/1956, p. 200.)

No dia 15 de agosto o Japão aceitou a rendição incondicional, pondo fim à Segunda Guerra no Pacífico. O uso da bomba atômica foi considerado por muitos como um ato sem justificativa. A rendição do Japão era uma questão de dias, ele já estava praticamente derrotado. Para muitos a destruição de Hiroshima e Nagasáqui constitui um crime de guerra, que ainda não foi julgado.